

Desmistificada ideia que países junto à Síria não acolhem refugiados

Contextualização Carlos Nolasco proferiu a palestra “A crise dos refugiados na Europa e as mobilidades transnacionais” dirigida aos alunos do 9.º ano da Escola Básica Marquês de Marialva

Carlos Nolasco, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, proferiu a palestra “A crise dos refugiados na Europa e as mobilidades transnacionais”, dirigida aos alunos do 9.º ano da Escola Básica Marquês de Marialva, em Cantanhede, a convite dos docentes de geografia. Esta iniciativa pretendia confrontar os alunos com a realidade actual dos refugiados e prevenir comportamentos preconceituosos.

O orador começou por contextualizar, na actualidade, o tema mediático e complexo das “mobilidades no mundo

contemporâneo”, apontando causas e consequências. Partindo da citação “as pessoas tomam-se nómadas”, do sociólogo polaco Zygmunt Bauman, Carlos Nolasco enunciou os dois tipos de nómadas - turistas e vagabundos - distinguindo-os em função de serem consumidores do espaço ou consumidos pelo espaço.

É neste último tipo de nómadas que se integram os refugiados, por se encontrarem em fuga e sem expectativas de vida e de sobrevivência no seu país, isto é, em «ruptura biográfica». A evolução estatística da mo-

bilidade no mundo contemporâneo, em resultado de sucessivas vagas migratórias, é bastante reveladora. Em 2013, mais de 3,2% da população mundial era migrante. Se todos os migrantes fossem reunidos num único país, o país dos migrantes seria o quinto maior do mundo. Se tivermos em conta as migrações internas, então, em cada sete habitantes do mundo era migrante. Considerando também os movimentos turísticos, 30% da população mundial estava em movimento.

Foi também sua a preocupação de desmistificar a ideia de



Palestra dirigida a alunos do 9.º ano da “Marquês de Marialva”

que os países vizinhos sírios não acolhem refugiados. Muitos são acolhidos no Líbano, no Iraque, na Jordânia, no Egito e na Turquia. Apenas 500 mil serão recebidos na Europa. Destes, Portugal irá receber 4.500 refugiados, o que representará um encargo de 70 milhões de euros para a União Europeia. A sociedade portuguesa divide-se. A par das acções oficiais e das acções da sociedade civil para o acolhimento, posições contra começam a levantar a sua voz.

Carlos Nolasco questionou o auditório sobre a sua posição. Quem se manifestou contra alegou as políticas de austeridade levadas a cabo no país, que se traduziram em dificuldades económicas para as famílias portuguesas, e a existência de portugueses a necessitarem de ajuda; quem se colocou na posição do refugiado argumentou que se deve ajudar qualquer ser humano, independentemente das circunstâncias. ◀

D.R.